

## UM SABER COM SABOR: "DA CULTURA DO CORPO", DE J. DAOLIO

Mauro Betti<sup>1</sup>

Inspirador e provocativo. São duas palavras que bem definem a obra "Da cultura do corpo", de Jocimar Daolio. Recém-publicado pela Editora Papirus, o livro resulta da adaptação de sua dissertação de mestrado defendida em 1992 na Universidade de São Paulo.

A partir de um referencial teórico baseado especialmente na Antropologia Social (dentre os autores mais citados estão M. Mauss, F. Laplantine e C. Geertz), o autor vai a campo e entrevista professores de Educação Física de escolas públicas, que lhe falam sobre suas aulas, seus alunos, suas vidas profissionais, suas experiências de movimento na infância. Sobre estes discursos, Daolio lança seu "olhar antropológico", e procura reconstruir o universo de representações sociais que fundamenta o trabalho do professor de Educação Física na Escola. Emergem daí as concepções de corpo, de educação, de cidadania, não como idéias abstratas, mas como corporificações concretas no comportamento docente. Por fim, propõe uma "Educação Física plural", que empreste à Antropologia o princípio da *alteridade*, que saiba respeitar as diferenças físicas e culturais dos alunos. Insinua, ainda, que o mesmo princípio deva se aplicar na relação entre professores universitários e professores de 1º e 2º graus.

J. Daolio desafia muitas correntes epistemológicas em voga na Educação Física brasileira, quando afirma que precisamos compreender a *tradição social* para promover mudanças na Educação Física Escolar, porque existe uma "*lógica da prática desses profissionais, tradicional e eficaz, inscrita em seus corpos e, ainda, refratária a uma crítica que, unicamente baseada no discurso, possa torná-la passível de alterações*"(p. 98). Uma ação transformadora só seria possível se conseguisse penetrar nesse universo de representações, decifrar os significados de sua prática e chegar ao nível dos seus comportamentos corporais.

A perspectiva que J. Daolio nos oferece sobre o corpo, a cultura e a formação do professor de Educação Física inspira o leitor a estabelecer relações com diversas teorias sociológicas, filosóficas e pedagógicas. Por um lado, pode nos encaminhar à teoria do processo civilizador, do sociólogo alemão Norbert Elias<sup>(1)</sup>, quando se refere ao *controle do corpo* que faz nascer a cultura; por outro, à hermenêutica interpretativa de Paul

Ricouer<sup>(2)</sup>, quando esboça sua *metodologia*; por outro ainda, à Antropologia Filosófica de Ernest Cassirer,<sup>(3)</sup> quando conceitua *símbolo*.

Mas, principalmente, ao conferir uma dimensão mais alargada aos fatores e influências que determinam o modo de ser, pensar e agir de professores, J. Daolio inspira-nos a buscar relações com a teoria da *socialização na profissão*, um importante enfoque emergente na Pedagogia, mas ainda pouco conhecido na Educação Física (na qual as primeiras referências foram feitas por Hall Lawson<sup>(4)</sup>). E esta relação nos faz pensar que *formação é formar-em-ação*, ao longo da vida profissional, que um professor é mercado pelo seu meio cultural desde que nasce, e nos obriga a reconhecer os limites da formação acadêmica proporcionada pela Universidade. Não é por coincidência que muitos trabalhos desta perspectiva tenham se utilizado de metodologias de inspiração antropológica, como a etnografia<sup>(5)</sup>, e também histórias de vida<sup>(6)</sup>. J. Daolio tem alguma consciência disso, quando recorre ao conceito de *fato social total* de Marcel Mauss<sup>(7)</sup>: a Antropologia dá conta de seu objeto como um fenômeno simultaneamente biológico, psicológico e sociológico.

Neste momento, é impossível não indagar: está certo, mas como usar isto agora em favor do currículo de formação de *novos* professores? Há ainda outros desafios ao pensar antropológico. No processo de globalização pelo qual passamos, vem ocorrendo uma inexorável imposição de valores da sociedade ocidental sobre outras culturas. Ou será, por exemplo, que conseguiremos compreender a mutilação de clitóris em mulheres no norte da África, para que não sintam prazer sexual, e considerá-la como uma prática cultural aceitável? O esporte-espetáculo promovido pela mídia é um símbolo patente deste processo no imaginário social. Enquanto profissionais da Educação Física, concordamos com os valores que ele dissemina? Como vamos nos comportar frente a isto? Se existe uma *cultura que permanece*, e as mudanças são possíveis somente a longo prazo, qual é a responsabilidade dos indivíduos, ou de cada um de nós, hoje? Vivemos 60, 70 anos, período insuficiente para perceber mudanças (que todavia ocorrem), mas não é responsabilidade dos intelectuais e professores apontá-los à sociedade, denunciar seus vícios, antecipar seus efeitos, sugerir rumos?

Não cabe, é claro, exigir de J. Daolio as respostas, pois não se pode cobrar de um autor o que ele

<sup>1</sup>Professor Assistente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro.

não se propôs a fazer. A Antropologia Social ("clássica" ou "pura") não é capaz, por si só, dar conta das questões que afligem hoje a Educação Física em geral, e a Educação Física na escola, em particular. Mas, depois de J. Daolio, percorrer o caminho da Antropologia tornou-se obrigatório a todos os que queiram compreender a Educação Física como um fenômeno sócio-cultural, como um "fato social total".

É inevitável um alerta sobre o título do livro. "Da cultura do corpo" é um título bastante amplo, que talvez decepcione o leitor não interessado na Educação Física Escolar, que é do que trata, na verdade, o livro. É certo que vivemos a ditadura do *marketing*, da qual ninguém consegue se livrar, e os editores querem sempre se adequar ao discurso da moda. Mas teria sido mais honesto incluir ao menos um subtítulo que fizesse referência à Escola.

O autor, na sua apresentação, esperava que seu livro tivesse sabor. As palavras "sabor" e "saber" compartilham a mesma origem etimológica. Jocimar Daolio articulou seu saber com um sabor que agradou ao meu paladar. Alguns poderão julgá-lo muito doce, outros, insípido. Tudo bem, pois o destino de um texto é mesmo sujeitar-se às críticas e interpretações diversas. E afinal, como Daolio nos ensinou, os homens são iguais justamente na expressão de suas diferenças.

### **Da cultura do corpo**

Jocimar Daolio

Editora Papirus, Campinas, 105 p.

### **NOTAS**

- (1) ELIAS, N. **O processo civilizador**; uma história dos costumes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- (2) RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**; o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1987.
- (3) CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- (4) LAWSON, H. Beyond positivism: research, practice and under-graduate professional education. *Quest*, v. 42, p. 161-183, 1990.
- (5) Sobre o tema ver: COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995
- (6) Sobre o tema ver: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto. Porto Editora, 1992.
- (7) MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.